

---

## A LITERATURA COMO MEDIADORA DA PRODUÇÃO DE TEXTOS

MIRANDOLA, Sônia Maria Machado<sup>1</sup>  
SPAZZIANI, Maria de Lourdes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O ensino da Literatura por meio da leitura de obras literárias incentiva a leitura e a escrita. O leitor não é um mero elemento passivo. A ele compete uma reflexão sobre os significados apreendidos, uma reflexão capaz de tornar esses significados vivos a fim de provocar a imaginação e a criação.

**Palavras-chave:** Literatura. Reflexão. Leitura. Escrita.

### LITERATURE AS A MEDIATOR OF THE PRODUCTION OF TEXTS

**SUMMARY:** The teaching of literature through the reading of literary works incentivates reading and writing. The reader is not a mere passive element. It's up to him to reflect upon the importance of that which he has about the meanings learned which in turn leads to a fully comprehension which stimulates creativity and imagination.

**Keywords:** Literature. Reflexion. Reading. Writing.

Livro é vida; os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degraus de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado [...] Mas como a gente tem mania de sempre querer mais: comecei a fabricar tijolo pra- em algum lugar- uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

Lygia Bojunga Nunes (1998)

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado que está em fase de finalização. O que se discute neste texto está relacionado a uma investigação sobre a influência da leitura de obras literárias no hábito de ler, no desenvolvimento da criatividade e, conseqüentemente, na produção textual em um grupo de alunos de uma segunda série do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Ituverava, interior de São Paulo.

É desenvolvida uma revisão bibliográfica embasada na perspectiva histórico-cultural, assim como uma pesquisa empírica de caráter qualitativo etnográfico com os alunos e a professora de Língua Portuguesa e Literatura da respectiva classe. Esta última se realiza no contexto escolar, no dia-a-dia das aulas. Os dados são coletados por meio da observação das

---

<sup>1</sup> FE/FFCL- Ituverava e CUML de Ribeirão Preto-SP

<sup>2</sup> CUML de Ribeirão Preto-SP

atividades do grupo analisado, pela aplicação de questionários para detectar a vivência literária dos alunos, por algumas conversas com finalidade feitas com alunos e professora e pela análise da produção textual dos sujeitos. As respostas do questionário foram analisadas para complementar a análise dos dados obtidos através da observação, das conversas com finalidade (MINAYO, 1996) e da análise dos textos.

## **A LEITURA DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO**

A leitura na educação atual atinge novos patamares. Novos significados são outorgados a ela, de um mero ato mecânico no passado, em que ler era apenas pronunciar bem as palavras, ler clara e fluentemente; hoje é vista com outros olhos. Além de ser portadora de mensagens, de ensinamentos, é também provocadora de raciocínio.

Lê-se para conhecer, para viajar com a imaginação, para sonhar. Lê-se para aprender, para questionar, para resolver problemas. Ouvir ou ler é algo muito mais do que entender o que está dito ou escrito. É conseguir perceber as interações do autor ao elaborar o seu texto. Segundo a perspectiva histórico-cultural, o aluno somente irá realizar esse percurso por meio da interação, da relação com o outro, de natureza dialógica. Como demonstra Smolka (1995) a leitura é uma atividade inter e intrapsicológica, no sentido de que os processos e os efeitos dessa atividade de linguagem transformam os indivíduos enquanto mediam a experiência humana. É essa dimensão inter e intrapsicológica que distingue a atividade de escovar os dentes, da atividade de ler um romance.

Para Vygotsky (1984) o uso da linguagem, a comunicação como o outro constitui o aspecto mais importante para o desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores da criança. As experiências históricas do homem somente se concretizarão através da comunicação. Portanto, somente após a leitura de um texto, após a sua decodificação, quando esse passa de um produto estático a um discurso dinâmico, compreensível, processa-se a comunicação. Por exemplo, se alguém se aproxima de um outro e pergunta se tem um cigarro ou que horas são, não está apenas querendo saber se este tem um cigarro ou se está com um relógio. Ele quer um cigarro ou quer saber as horas realmente. Ouvir ou ler é muito mais do que entender o que foi dito ou escrito. É conseguir perceber as intenções, a enunciação do emissor ao elaborar o seu texto. Somente assim é que ocorrerá a decodificação deste.

Conforme Abreu (1996) uma obra literária, por sua vez, será decodificada, compreensível quando for lida. A *Odisséia* de Homero somente se completou, em cada um

---

dos momentos em que seus leitores cumpriram a sua parte de lê-la. Cada um que a lê constrói uma nova visão de mundo, amplia seu universo cognitivo.

Vigotsky prioriza o trabalho como atividade produtiva, prática e consciente. O homem cria instrumentos, ferramentas, orientados externamente para o controle e domínio da natureza; e signos, orientados internamente, que viabilizam a organização social e o controle do próprio indivíduo. O homem age sobre o outro, transformando-se como também transforma o meio em que está inserido. E o mundo da leitura, ou seja, a palavra oral e escrita é instrumento do desenvolvimento cultural e do pensamento. Ao ler, o indivíduo não está passivo, não está simplesmente vendo televisão, mas sim refletindo, concordando, contestando, criticando, esclarecendo dúvidas, interpretando e até tentando alçar novos horizontes para os quais o autor nem tenha talvez, imaginado.

Bakhtin (1986) também considera o indivíduo um ser social e histórico, em relação à construção da linguagem. Via a linguagem também numa perspectiva de totalidade integrada à vida humana. Coaduna-se, por conseguinte, à visão interacionista de Vigotsky: o leitor é o outro, - presença individual ou imagem ideal de uma audiência imaginária. Assim, todo enunciado é um diálogo, desde a comunicação de viva voz entre duas pessoas, até as interações mais amplas entre enunciados, como num livro. O importante é a relação entre autor e leitor, pois a obra só se tornará viva após essa interação.

Porém para que ocorra, realmente essa interação, essa comunhão entre autor e leitor, mister se faz com que a leitura seja interessante para o aluno, que este obtenha prazer naquilo que está lendo. Diante disso, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 9394/96 configura uma nova abordagem ao Ensino Médio – os conteúdos tradicionais de ensino de regras, conceitos, nomenclaturas gramaticais e histórias da literatura são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser um meio para a compreensão, interpretação e produção de textos e a literatura alia-se ao mundo da leitura. Assim através da leitura de obras literárias, ocorre um lento processo de formação do leitor da literatura e do competente produtor de textos.

Para compreender um texto não basta simplesmente lê-lo. É preciso que se dê novos significados a ele. Um texto pode gerar várias janelas, pode sugerir diversos caminhos, desde que tenha sido compreendido. Entretanto, contrariando esta expectativa, a escola não está conseguindo suplantar esse desafio, ou seja, fazer com que os alunos compreendam com facilidade os textos, que gostem da leitura, que adquiram o hábito de ler, escrever, justamente por não a relacionarem à vivência do aluno. Conforme Vigotsky (2000), um ensino fora da realidade consiste em habilidade motora e não atividade cultural. Da mesma forma que as

crianças aprendem a falar, elas podem muito bem aprender a “ler” e conseqüentemente a escrever. Elas devem sentir a necessidade do ler e do escrever.

Para Silva e Zilberman (1995), o trabalho com o texto destina-se ao desenvolvimento deste, e não a sua descrição pura e simples. A leitura dialógica pode ser considerada, como um instrumento de conscientização dos ideais cultivados por uma sociedade, de seus modos de produção cultural. Somente esta leitura crítica transformará o aluno num cidadão participante, engajado.

A criança adquire o gosto pela leitura bem antes de entrar na escola. O convívio familiar e social é a sua primeira escola. Souza (1979), um poeta, narra em seu livro, *A Arte da Felicidade*, que desenvolve o hábito de ler e escrever por meio de seu pai, um agricultor que lia a Bíblia para os filhos pelo menos duas vezes por semana, interpretando-<sup>a</sup> Era um verdadeiro sábio na arte da vivência familiar, dando aulas de vida e de costumes para os filhos e todos os amigos que o rodeavam.

A riqueza das experiências familiares, das experiências cotidianas, como diz Vigotsky (1988), muito influenciará na aquisição dos futuros aprendizados escolares. A conscientização dos seus próprios processos mentais, como a capacidade de definições mais generalizadas, só é adquirida mais tarde, com a aquisição dos conceitos científicos que se processam no ambiente escolar.

Isso somente se realizará conforme atesta Freitas (2000) quando o próprio desenvolvimento mental do aluno já tiver atingido o nível necessário, isto é, o desenvolvimento de funções tais como: atenção, memorização e abstração. Tais conceitos não são aprendidos mecanicamente, mas evoluem com a ajuda de uma grande atividade mental da criança. A aprendizagem escolar é uma das principais fontes de conceitos científicos como também uma forte luz que direciona e determina o desenvolvimento mental.

Segundo Wallon (*apud* Galvão, 1995), o mero amadurecimento do sistema nervoso não provoca o desenvolvimento intelectual. Para que haja o desenvolvimento é necessário a interação com o *alimento cultural*. Conhecimento e linguagem juntos fornecerão ao pensamento os instrumentos para sua evolução.

Portanto, não há um limite terminal para o desenvolvimento da inteligência, pois depende do meio, dos estímulos a influenciarem o indivíduo. Assim, o aluno do Ensino Médio mesmo que não tenha tido um ambiente propício à leitura nos anos anteriores, pode adquirir ainda o gosto, a habilidade para ler e, conseqüentemente, escrever, se conviver num meio cultural rico, estimulante, de acordo com a sua realidade, com seus interesses.

---

Se hoje, na escola, os alunos vivenciarem ricas e variadas experiências, se forem bem alimentados culturalmente, como diz Wallon (1989), terão condições de se formar, como também de informar-se.

O desenvolvimento e a interiorização dos processos mentais superiores resultam de uma mediação muito influenciada pelo contexto sócio-cultural. O aluno através da literatura apropria-se de um outro saber, ou como diz Bakhtin (1988) ocorre a apreensão das palavras alheias e na transformação dessas palavras em palavras próprias, num processo de esquecimento progressivo dos autores [...] que ao serem incorporadas passam a pertencer ao repertório do leitor, num movimento dialógico, como se um estivesse falando para o outro (p.108).

Segundo a perspectiva histórico-cultural, a leitura é dada como atividade da linguagem, como forma de interação especificamente humana, socialmente fundada e historicamente desenvolvida: já, o aluno transforma-se em sujeito leitor, em interlocutor, ou melhor, em construtor do próprio conhecimento. Daí para a escrita basta um passo, pois como diz o ditado *Quem lê, escreve. Quem mora na casa dos livros, cria, constrói...*[...] (NUNES, 1998).

## **A PESQUISA**

A pesquisa desenvolvida com a turma de 34 alunos, sendo doze do gênero masculino e vinte e dois, do feminino, através da aplicação de questionários, pode-se inferir que a leitura é uma constante entre eles. Dos trinta e quatro alunos da sala, 27 ou 80,7% apreciam a leitura, não só literárias, como também de jornais, revistas e gibis. A maioria dos alunos declaram que foram acostumados a ouvir histórias na infância. Este dado é significativo para compreender a especificidade de suas respostas em outros itens, assim como a análise da produção de alguns deles. É importante destacar que grande parte desses alunos reconhece a importância da leitura como formadora do desenvolvimento intelectual, moral e crítico, além de aprender seus significados e aplica-los em diferentes situações, como na elaboração de outros textos. Contudo, o que mais lêem são os livros da biblioteca da escola escolhidos por eles, ou indicados pelos colegas.

Nas primeiras observações feitas na sala de aula, notei que quase todos os alunos possuíam, entre seus materiais escolares, romances dos mais variados gêneros. Perguntei-lhes se foram solicitados pela professora. Responderam em leituras livres, descompromissadas, sem interferência da professora. Segundo eles, lêem, às vezes, até dois livros por semana.

Uma aluna lia um dos livros da série do Senhor dos Anéis, de trezentas páginas, o qual disse ler em apenas três dias. Até durante as aulas, quando há alguma folga, lêem.

Esses dados destoam da realidade dos jovens que freqüentam a maioria das escolas públicas brasileiras. São dados pertinentes, uma vez que 74% dos jovens brasileiros alfabetizados, segundo pesquisas recentes, realizadas pelo Instituto Paulo Montenegro, entidade criada pelo Ibope em parceria com a Organização Não-governamental Ação educativa, possui competências de leitura num nível bem rudimentar no tocante à compreensão das idéias gerais. Correspondem aos analfabetos funcionais, pessoas teoricamente alfabetizadas mas que não entendem o que lêem. Uma obra literária pode gerar várias janelas, pode sugerir diversos caminhos, desde que tenha sido compreendida, desde que tenha havido uma autopercepção do texto, a apreensão das idéias apreendidas do pensamento do narrador. Mas tal fato não vem ocorrendo nas escolas, os próprios jovens reconhecem suas dificuldades com a Língua Portuguesa.

As universidades estão até tentando corrigir a defasagem de aprendizagem dos alunos no que tange à leitura, à compreensão textual e à produção, criando oficinas de estudo, com aulas de reforço. Conforme depoimentos de alguns estudantes, dados em o jornal O Estado de São Paulo de 23/03/2003, que revelam que nunca leram um livro durante todos os anos de escolaridade anteriores, ou seja, no ensino fundamental e médio. Na época não gostavam de ler nem da disciplina Língua Portuguesa, justamente pelas dificuldades de aprendizagem que possuíam, principalmente, na produção de textos. Outros dizem que quando estavam na 6ª e 7ª séries não valorizavam a escola, só pensavam em brincadeiras. Inclusive os resultados das provas do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM/2002, também demonstraram ausência do domínio da leitura compreensiva.

Em algumas conversas com finalidade, perguntei-lhes se aquelas leituras os influenciavam de alguma forma. Foram unânimes: todos responderam que depois que começaram a ler, melhoraram o desempenho escolar, principalmente, na elaboração das redações. E de fato, eles gostam de escrever. Suas redações demonstram criatividade e pensamento e pensamento crítico, como pode se notar a seguir:

Numa aula de produção de textos, a professora leu para a classe a Canção do exílio de Gonçalves Dias. Explicou-lhes o aspecto ufanista do texto e propôs que tendo por base o poema, elaborassem a Canção do Exílio de cada um, mostrando como viam a sua pátria.

Redação 1 – (ver anexo 1)

Por meio da intertextualidade com o poema romântico, uma das alunas criou o seu. Percebe-se que já possui uma formação crítica ao mostrar os aspectos negativos de sua pátria.

---

Ao contrário de Gonçalves Dias que enaltece sua pátria, de forma que, para os dias atuais, parece-nos ingênua.

Através de uma linguagem metafórica, poética própria da poesia, os alunos conseguem pronunciar-se sobre a terra amada, utilizando uma linguagem rica e irônica, relacionada aos problemas vividos atualmente, como violência, poluição, desmatamento, corrupção, pobreza, etc.

Em uma outra atividade trabalhada pela professora, é solicitada, que façam individualmente, uma dissertação a partir de um verso de Augusto Frederico Schmidt: “Passam-se as próprias visões do mundo e da vida”.

Redação 2 – (ver anexo 2)

Redação 3 – (ver anexo 3)

De forma coesa e coerente, esses textos de duas outras alunas nos remetem a temas distintos e argumentados de forma diferenciada. O segundo fala sobre sofrimento, e o terceiro sobre a amizade.

Numa análise textual, pode-se observar que:

- a) quanto à paragrafação, ocorre articulação semântica entre os parágrafos. Ambas possuem letras legíveis e margens regulares;
- b) em relação ao aspecto gramatical, apenas na primeira redação ocorre um erro de acentuação: no início do 4º parágrafo;
- c) em relação ao aspecto estilístico, por se tratar de uma abordagem subjetiva, emprega uma linguagem conotativa, metafórica, pois expõe a sensibilidade de cada uma, como por exemplo, no segundo texto “*A vida é como se fosse uma praia e nós somos o grão de areia...*”;
- d) em relação ao aspecto estrutural, nas duas redações, há os elementos formadores da dissertação, por exemplo no terceiro texto, a introdução compreende ao 1º parágrafo; o desenvolvimento ao 2º, 3º, 4º e 5º parágrafos e a conclusão ao 6º parágrafo.

A produtora demonstra uma visão particular, subjetiva do tema amizade, por isso os argumentos pautam-se no que os sentimentos dizem.

Essas redações exemplificam a produção textual do grupo de alunos que apresentam uma performance bastante peculiar no que concerne ao interesse e contato com textos literários de uma forma em geral. A escola em questão possui uma grande e arejada biblioteca, localizada no segundo andar. Conta com um acervo variado e rico, bem ao gosto do alunado da escola. É normal, ao passar pelos corredores, encontrar com os alunos vindo da biblioteca ou indo para lá à procura de livros para lerem. O corpo docente incentiva essa

leitura livre, apesar de sempre indicar também algumas obras relacionadas ao conteúdo estudado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Rezende (2003, p.A 10), “o desinteresse pela leitura tem crescido nos últimos 40 anos. Para muita gente, a TV, e, agora o computador, é uma opção de lazer melhor que a leitura”. Se não lêem, as pessoas não têm um modelo a seguir e, conseqüentemente não escrevem. É notório que esses modernos meios de comunicação geram economia de tempo, porém, não induzem ao raciocínio, à reflexão. O indivíduo permanece passivo diante de uma tela de televisão, está apenas vendo algo. Por sua vez, o computador, apesar de oferecer múltiplas formas de leitura, não vem sendo usado de modo enriquecedor. A tela como espaço de leitura e escrita induz a diferentes modos de acesso à informação, como também a novos processos cognitivos.

Para Lévy (*apud* Soares, 2003) o ciberespaço, ou seja, a comunicação proveniente da interconexão mundial dos computadores, suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas, como memória, imaginação e percepção. O hipertexto, o texto virtual, é profundamente diferente do texto escrito no papel; move-se, apresenta diversos aspectos, dobra, gira, põe-se à vontade diante da curiosidade do leitor. Enquanto o livro é lido linearmente, da esquerda para a direita, uma página após outra; no computador, basta um clique e o leitor faz o que quiser; escolhe o que quer ler, o que quer escrever, escolhe o começo e o final das informações. Há uma interação diferente da que ocorre nos livros. Reduz-se a distância entre autor e leitor, já que este tem liberdade para modificar, para inferir novos significados ao texto. Bolter (*apud* Soares, 2003). Segundo pesquisadores recentes, a tendência do livro será afastar-se para as camadas mais cultas da sociedade, pois a tecnologia eletrônica oferece um novo tipo de livro, de maior acesso social, com diferentes e flexíveis formas de leitura e de escrita, apesar de jogar para o leitor o que há de bom e de ruim, já que qualquer um pode lançar textos na rede. (Soares, 2003).

Todavia a indolência de muitos estudantes que, pouca vontade demonstram para a leitura, não aproveitam esse inovador agente cultural, que tanto pode contribuir para a difusão do conhecimento. Preferem sim, tornarem-se copistas ao pesquisarem algo exigido pelos professores, sem ao menos ler do que se trata direito. O uso dos computadores, quando bem orientado pela escola e bem usufruído pelos alunos proporciona informações,

---

questionamentos sobre diferentes conteúdos como filosofia, esporte, educação, religião, história, humor, literatura e vários outros. Por conseguinte, é preciso que a escola se modifique; que ela se conscientize de sua missão social, compromissada com o ato de educar. Para isso é preciso que oriente os alunos não só nas leituras virtuais, ensinando-o a desvendar barreiras, a cruzar mares desconhecidos, como também na leitura impressa. Logo, mister se faz com que se resgate nas escolas aquela leitura livre, descompromissada, **prazerosa** como dizem os alunos do estudo, uma vez que pode contribuir de modo significativo para o hábito de ler.

O papel da escola é de grande valia como incentivadora da leitura. Uma leitura vista como atividade humana que, segundo Vigotsky, envolva apropriação e transformação de significados. Uma leitura como mediadora, ou seja, provocadora de questionamentos, geradora de dúvidas, de reflexões, a fim de formar indivíduos autônomos, atuantes e bons produtores de textos. A psicologia histórico-cultural salienta a necessidade de uma educação estimuladora através de uma pedagogia que valorize as experiências do educando para a construção do conhecimento sistematizado.

Assim, a leitura, principalmente a de textos literários, desempenha grande importância em relação à construção da escrita. O homem, como um ser histórico, possui aspirações, necessidades e valores que se modificam constantemente. Suas criações, entre elas a literatura – refletem seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Ao mesmo tempo em que é um instrumento de transformação também se transforma por ser dependente das peculiaridades de cada época.

Mário Quintana, in Amaral (2000), poeta sul-rio-grandense, em sua crônica *A vaca e o hipogrifo*, afirma: “A verdade é que a minha atroz função não é resolver e sim propor enigmas, fazer o leitor pensar e não pensar por ele.”

Como se percebe, o próprio poeta considera a obra literária uma provocação. Conduz o leitor à ação e, conseqüentemente à escrita.

Segundo Silva (2000) quando o leitor se conscientiza do que leu; quando não tem por objetivo somente a retenção ou a memorização; quando reage, questiona, problematiza, realiza uma leitura crítica que sempre conduz à reflexão e à recriação. Essa leitura tende-se à produção ou à construção de um outro texto: o texto do próprio leitor. Por sua vez, a escrita configura-se como o enriquecimento do leitor, a re-criação de suas experiências. Os fatos que lhe deram, às vezes, origem, adquirem outras realidades, graças à sua imaginação, à sua criatividade.

A leitura possível de tal realização somente poderá ser a literária que, como afirma Kramer (2000, p.66), *é a que é capaz de engendrar uma reflexão para além do momento em que acontece*. O sinfronismo existente nas obras literárias permite que estas sejam lidas e admiradas independentemente da época em que foram escritas. O escritor ao criar a sua obra utiliza uma linguagem subjetiva, com o objetivo de despertar a emoção, de cultivar o prazer e o conhecimento, de tal forma que dê oportunidades de liberação das manifestações criadoras do leitor.

Pela Literatura resgatam-se valores, sentimentos, ideais e experiências humanas. Compete, portanto, à Escola a responsabilidade por essa transformação do educando. É ela que, por meio de um ambiente rico e motivador proporcionará a recuperação desses princípios, como também os utilizará para provocar o pensamento, a fim de que o jovem, de leitor do mundo, transforme-se em construtor desse mundo e criador de outros. Somente assim o Brasil terá condições de suplantar esse estágio de analfabetismo funcional que tanto tem maculado sua imagem perante os outros países.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, A. **Curso de redação**, São Paulo: Ática, 1996

DIETZCH, M. J. M. **Escrita**: Na história, na Vida, na Escola. Cadernos de Pesquisa 71, p.62-71. nov. 1989.

FREITAS, M. T. de A. Vigotsky e Bakhtin. **Psicologia e educação**: Um intertexto, São Paulo: Ática, 2000.

GALVÃO, I. H. W. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 7 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

LANGACKER, R. W. **Language and its structure**. Trad. De Gilda M. Correa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1972.

LEONTIEV, P. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**. As últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Cap. 1. O problema da linguagem e a consciência.

REGO, T. C. Vigotsky. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 10 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

REVISTA Escola. São Paulo, 1999. Mensal. Fundação Victor Civita.

SILVA, E. T. da. **O ato de ler.** Fundamentos psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SMOLKA, A L. B. **A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças.** Cad. Est. Ling., Campinas (29), 1995.

SOUZA, L. M. de. **A arte da felicidade.** São Paulo: Metodista, 1979.

WALLON, H. **Origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1989.

VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Parte 2. **O pensamento da linguagem na sociedade primitiva** e Parte 3. **Desenvolvimento cultural de funções especiais:** a fala e o pensamento.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Formação social da mente.** Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo, Ícone Edup, 1988. Cap. 8. **O desenvolvimento da escrita na criança.**

ZILBERMAN, R. E. Silva, SILVA, E. T. da Silva. **Leitura:** perspectiva interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1995.

## ANEXOS

Redação n°: 1

## Canção do Escólio

Minha terra tem guerras  
Onde canta a solidão  
As pessoas que aqui sofrem  
Não sofrem como lá

Nosso céu tem mais poluição  
Nossas várzeas têm mais sujeiras  
Nossos bosques têm mais tristezas  
Nossa vida mais rancores

Em ficar sozinho à noite  
Mais tristezas encontro eu lá  
Minha terra tem corrupção  
Onde canta a solidão

Minha terra tem riquezas  
Onde canta a pobreza  
As pessoas que aqui sofrem  
Não sofrem como lá.

reunção n.º 2

## Sufimento

Quando estamos tristes, sofrendo, chorando, se passam as próprias visões do mundo e da vida, procuramos nos distrair, desabafarmos, tentar esquecer tudo, mas sempre há algo que interfere.

A vida é como se fosse uma moia, onde nós somos o grão de areia e a água nos leva, o vento nos assopra, e ficamos perdidos sem saber o que fazer.

Por quê? É o que todos perguntam. Quando a tristeza bate e se instala permanecendo por muito tempo e destruindo por dentro.

As vezes colocamos máscaras para enganar o reflexo. Pensando bem, o que seria da vida se não fossem todos esses problemas?

Devemos ser mais que um grão de areia e não deixar que o vento nos leve, não deixar que a tristeza nos atinja. O problema não tiver solução seguir em frente e viver a vida.

## Amigos, um fruto a ser cultivado

Quando falamos em amigos, já nos vem à cabeça uma pessoa fiel, que nos faça felizes, que sempre nos ajude em tudo o que necessitamos. São pessoas que mesmo tristes nos passam alegria.

Amigos são aquelas pessoas que, como escreve Augusto Frederico, "Passam as próprias visões do mundo e da vida," pois elas, essas pessoas especiais nos ajudam a ver as coisas boas que a vida nos proporciona.

Sempre devemos aprender a ouvir o que o nosso amigo nos fala, pois por mais duro que possa parecer, ele pode estar abrindo nossos olhos para a verdadeira realidade que passa em torno de nós.

A amizade é um dos sentimentos mais belos e sinceros. O verdadeiro amigo quer nos ver sempre de bem com a vida. Quer que nos tornemos felizes, alegres.

O verdadeiro amigo não é aquele que sempre lhe cobre de elogios, mas sim aquele que também saiba apontar seus defeitos, ajudando-o a resolvê-los.

Sempre devemos saber cultivar nossos verdadeiros amigos, pois podem ser eles que vão nos ajudar no momento que mais precisarmos e serão eles que nos darão a força para sempre nos levantarmos dos tombos que a vida nos dá.